Produção de Saúde: uma vivência de arte e cultura no cotidiano de crianças de um bairro periférico de São Vicente/SP

Breno Ayres Chaves Rodrigues; Jéssica Gottschalk Silva; Rafael Moreira Dardaque Mucinhato; Sarah Fernandes Santana; Valéria Nancy de Freitas; Carla Cristina Borges Santos; Patricia Leme de Oliveira Borba

Unisanta – Universidade Santa Cecília
Email para correspondência: breno.ayres@yahoo.com.br; patrícia.borba@unifesp.br

Resumo

Compreendendo a(s) infância(s) como uma construção social em um tempo-espaço e as crianças como sujeito de direitos que participam ativamente dessa construção social, ou seja, produzem culturas, acompanhamos a partir da base teórica-metodológica da etnografia e psicologia social, o cotidiano de quatro crianças. Buscou-se aprofundar conhecimentos sobre a realidade cotidiana da(s) infância(s) e do bairro que ali se engendram. Dentre os resultados, destacamos nesse artigo a relação dessas crianças com a arte e cultura. Primeiro, aponta-se aqui a importância da oferta de espaços artísticos culturais diversos no cotidiano dessas crianças. Segundo, a importância do reconhecimento do fazer artístico espontâneo e popular transmitido intergeracionalmente. Ambos, modos de resistência frente a uma monocultura globalizada.

Palavras chave: criança; etnografia; áreas de pobreza; arte e cultura

Abstract

Understanding childhood as a social construct within a specific time-space and viewing children as rights-bearing subjects actively participating in this social construction—meaning they produce cultures—we followed, based on the theoretical-methodological framework of ethnography and social psychology, the everyday lives of four children. The aim was to deepen our understanding of the everyday reality of childhood and the neighborhood in which it unfolds. Among the results highlighted in this article is the relationship of these children with art and culture. Firstly, the importance of providing diverse artistic and cultural spaces in the daily lives of these children is discussed. Secondly, the significance of recognizing spontaneous and popular artistic expression transmitted intergenerationally is emphasized. Both are seen as forms of resistance to a globalized monoculture.

Keywords: Childhood; ethnography; poverty áreas; art and culture.

Introdução

Esse artigo é parte dos resultados alcançados em uma pesquisa intitulada "Etnografias de infâncias calungas: Um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico de São Vicente/SP" (2019).[1]

Nesse trabalho, nos filiamos a definição das infâncias enquanto modos singulares de existência que interdependem de diversos fatores presentes em um território para serem engendradas. Ou seja, nos distanciamos de uma compreensão da infância que leve em conta somente os aspectos genéricos e totalizantes desse momento de vida, mas que integrem o caminho singular expresso nas ações das crianças em diferentes territórios e momentos. Também entendemos, que as crianças, à sua maneira, produzem cultura e são agentes políticos, lutam por seus direitos de existirem e reivindicam a sua maneira suas pautas. E aqui também nos distanciamos de um modo que compreende esse momento de vida como seres passivos, ingênuos e submetidos totalmente ao universo adulto. (Castro, 2004; Pastore, 2015; Rizzini, Barker e Cassaniga, 1999; Sarmento, 2019; Sarmento e Pinto, 1997; Unicef, 2016)

Em relação ao método da pesquisa, ou seja, seu processo etnográfico, entendemos a etnografia enquanto ato de:

> "(...) estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são só essas coisas, as técnicas e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado a partir de uma ´descrição densa´ tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle." (GEERTZ, 1989, p.15)

[1] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com o parecer consubstanciado nº 2.568.980/2018.

Os instrumentais operativos dessa etnografia foram a observação participante e o registro dessa imersão em diários de campo realizadas sistematicamente nos anos de 2017 e 2018. As crianças acompanhadas foram duas meninas e dois meninos, de idade entre 9 e 12 anos. As crianças atuaram como coautores da presente pesquisa, ou seja, elas mesmas expressaram os sentidos de suas vidas sendo o pesquisador mediador da organização dessas expressões. Essas mesmas crianças permitiram o acesso e o convívio em suas casas, na circulação pelo bairro em aventuras brincantes, no estar em espaços institucionais de espaços educativos e de arte e cultura que frequentavam, em conversas mais sérias sobre namoro, violência, cultura, etc.

Na análise dos materiais coletados, foi feita a revisão desses registros buscando a elaboração de categorias que nos ajudassem na construção do relatório final. Aqui apresentaremos os resultados das reflexões de uma dessas categorias: Arte e cultura.

Para evitar a exposição das crianças, optou-se por utilizar nomes fictícios. As meninas serão a Ayo e a Bina, e os meninos serão o Zamba e o Zaki.

Arte e cultura no cotidiano das crianças acompanhadas

Partimos de uma definição de cultura contemporânea relacionado à estudos pós-coloniais[2] em que os espaços, pelos efeitos da globalização – relação "local-global" muito maior que "local-local" (Santos, 2006) – se configuram como "espaços híbridos", "entre-lugares":

> "A existência de bolsões de 'Terceiro Mundo' no 'Primeiro Mundo' e seu contrário, o 'Primeiro

[2] "Os Estudos Culturais e o pós-colonialismo reafirmam, como antes as teorias e políticas terceiro-mundistas, mas de modo muito mais articulado teoricamente, o papel do periférico na História e a própria História periférica. No caso da teoria pós-colonial especificamente, vê-se uma empresa de descolonização, mas não a descolonização concreta (algo que já foi mais ou menos realizado) das lutas armadas e acordos militares, mas a descolonização da História e da teoria, uma abordagem de fato alternativa do Ocidente. De teoria estritamente relacionada com as ex-colônias de língua inglesa a uma abordagem de muito maior escopo, os estudos pós-coloniais reinserem o debate da identidade nacional, da representação, da etnicidade, da diferença e da subalternidade no centro da história da cultura mundial contemporânea." (PRYSTHON, 2003, p. 44)

> Mundo' no 'Terceiro Mundo', são não apenas a confirmação da ideia do Espaço Híbrido, como também uma condição sinequanon do capitalismo transnacional e o sinal de que um "mundo" somente está cada vez mais parecido na sua diversidade." (PRYSTHON, 2003, p. 44)

> "(...) o 'entre-lugar' da cultura (...) tempos e espaços múltiplos nos quais vão se confrontar permanentemente presente e passado, modernização e tradição, tecnologia e natureza e nos quais vão sendo desafiadas 'as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso'". (BRAHBA APUD PRYSTHON, 2003, p. 46).

Esses "híbridos"/"entre-lugares" possibilitam resistências "as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso" que seriam apresentadas pela capitalismo neoliberal globalizado: modo hegemônico que dita as regras, discursos e comportamentos na sociedade de consumo contemporâneas. Centradas no dinheiro e na venda de uma única realidade possível e satisfatória, lógica entremeada no universo infantil:

> "(...) as crianças são instadas a crer que a felicidade lhes está garantida a partir de uma materialidade que não precisa ser nem recriada, nem recusada – nem o sofrimento da criação, nem a dor da recusa. A contrapartida é a submissão das crianças à realidade posta, ao que já existe, impondo uma atrofia à subjetividade infantil no sentido de desfavorecer a criação de novos objetos de investimento psíquico." (CASTRO, 2013, p.67)

As crianças da pesquisa não estão fora desse campo sociocultural em disputa. Em muitos momentos de convívio com elas, seja na pesquisa ou no

trabalho na ONG, elas demonstravam dificuldade em contrapor-se a valores capitalísticos e midiáticos. As músicas que conheciam eram somente as que tocavam nos principais programas da TV aberta; o modo de se relacionar era ditado pelas novelas e por valores, muitas vezes, egoístas, racistas, machistas; os personagens que mais gostavam estavam na TV e na internet; as roupas que queriam eram de marcas caras; as comidas e doces que gostavam eram das grandes empresas de “fast-food”. Esse modo hegemônico da indústria cultural, de “cultura-tela”, de “hiperconsumo” é muito comum em diferentes classes sociais, não só na periferia, é a “cultura-mundo” (Lipovetsky e Serroy, 2011). E é a mídia a principal mantenedora dessa uniformidade do real – “Instituição do real” (Certeau, 1998; Munarim e Girardello, 2012).

Entretanto, havia “coexistências”, “hibridismos”, “entre-lugares” que faziam emergir algo novo não estruturado nos valores dessa homogeneização da cultura globalizada. Assim, havia espaços de arte e cultura que saiam desse regime, e também havia espaços que as crianças o subvertiam a seu modo, ou seja suas existências infantes, por si só, tensionavam o “status quo” sociocultural ali vivido (Castro, 2013; Sarmento e Pinto, 1997). Esses dois elementos coexistiam na realidade daquelas crianças num movimento dialético: os espaços e culturas que direcionavam que elas eram, ao mesmo tempo, o modo que iam produzindo suas existências e provocando esses mesmos espaços e culturas. Com isso, algo resistia, possibilitado pela força do cotidiano, com sua multiplicidade de instituições, atores, “teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 2006, p.218)

Trarei algumas vivências com essas crianças em espaços de arte e cultura encontrados no bairro e de vivências artísticas com familiares que fortalecem esse argumento.

Capoeira e dança do ventre em espaços educativos

O primeiro exemplo é a participação de Bina em um grupo de capoeira. No bairro havia um grupo de capoeira muito famoso. Conhecia várias crianças e adolescentes que faziam parte. Era o grupo do “Mestre Caçador”.

Bina participava de um grupo que não se encontrava no bairro. Duas noites na semana ela ia até o grupo junto com uma amiga que fez no coletivo "Camará"[3]. Esse grupo era coordenado por Michelle Carneiro e "Mestre Caco", seu marido. Michelle Carneiro foi uma das educadoras com quem trabalhei na ONG no projeto de alfabetização integral. Ela era educadora física e capoeirista, ficava responsável, entre outras coisas, de trazer atividades relacionadas a herança africana no Brasil, como a capoeira. Em suas atividades era muito comum chegarmos a discussões sobre racismo, algo que acontecia com muita força entre as crianças, mesmo majoritariamente estas sendo negras. Bina e sua amiga contavam que escolhiam fazer capoeira com Michelle Carneiro pelo vínculo construído, pela grande sabedoria que a educadora tinha em relação a capoeira, e, também, pela representatividade feminina. Sentiam-se mais confortáveis.

Interpreta-se dois pontos: o primeiro é que a herança negra representada no bairro Vila Margarida, entre tantas práticas culturais (música, brincadeiras, religiosidade, comida, etc.), são mantidas pela prática da capoeira. E, segundo, que a interferência do "Camará" a partir das relações criadas entre educadores, crianças e adolescentes intermediadas pelas diferentes práticas políticas-culturais, eram muito fortes. Mais que isso, havia um acesso a práticas artísticas que não se descolavam da política, ou seja, dançava-se, tocava-se um instrumento, via-se um filme ou peça de teatro de modo que se fizesse ponte com a realidade social vivida pelas crianças e adolescentes e que fizesse ponte com tantas outras realidades sociais.

Esse segundo ponto é e comentado pelas crianças com muito afeto e gratidão. É um ponto que possibilita transformações subjetivas na vida das crianças e elas sentem isso em seus corpos quando demonstram comprometimento na participação desses espaços.

Uma outra atividade importante da ONG é o grupo de percussão e dança do ventre. Ayo e Bina participam do grupo da dança do ventre e dizem ser o espaço que mais gostam de estar. Esse espaço, além de ensinar técnicas de

[3] Instituto Camará Calunga: uma organização social presente no bairro que promove ações de proteção social, formação política e acesso a práticas artísticas, além de expedições culturais à museus, parques, sendo seu público crianças e adolescentes.

dança, funciona como um espaço formativo – como a capoeira foi e ainda é – em que se pauta a urgência da formação ético-política feminista frente às violências machistas que ainda assolam a vida de tantas mulheres.

Na “Vila Margarida” essas violências e abusos machistas são inúmeros e podiam ser percebidos entre as crianças no cotidiano de trabalho na ONG. Logo quando se começava a falar sobre o que é ser mulher ali no bairro, elas tinham muitas reclamações e reivindicações.

Artesanato, moda e gastronomia: cultura popular transmitida intergeracionalmente

O segundo exemplo, diz respeito a uma cena vivida em um dia de campo. Nesse dia chovia muito e passei um tempo com os meninos na casa de sua avó. Tomávamos café da tarde juntos na mesa de jantar. Vamos a cena:

> “Surge uma conversa sobre aprendizados que levamos pra vida quando a avó me mostra alguns artesanatos que ela inventou com materiais que, à primeira vista, não serviriam para muita coisa: Potes decorados feitos com garrafa pet; tecido encharcado no cimento dão um contorno poético a um vaso; troncos e ferros se tornam animais para decoração, etc. Aí vou compreendendo o interesse de Zamba pelos artesanatos e entendo a escolha da família em fazer os enfeites da festa de aniversário passada. Os meninos contam que tudo que veem pela rua que acham que pode ser material para as ‘arteirices’ da avó acabam levando pra casa. Xanaína conta que sabe costurar e também acaba sendo um saber passado de mãe para filha. Durante essa conversa a avó vazia pequenos círculos de crochê para enfeitar um ‘porta papel higiênico’

> de garrafa PET. Fico muito vislumbrado com toda essa produção artística.
>
> Quando terminamos o café, estava quase indo com os meninos continuar o jogo de futebol naquela mesma área quando Zaki pergunta se eu já havia experimentado doce de casca de fruta. Fico surpreso com a pergunto pois não sabia nem da possibilidade desse doce existir. Rapidamente ele pega na geladeira e me mostra e oferece. Aceito. Eles pegam para eles também. Pergunto como é feito. A avó, autora dessa especiaria, me conta passo a passo. O doce era gostoso. E até cascas de frutas eram aproveitadas naquela casa. Os meninos gostavam e repetiam as colheradas. Aprendi muito com essas experiências, principalmente por perceber que não há todas aquelas bandeiras ecológicas nessas ações. Algo que agora vem aparecendo na sociedade enquanto aproveitamento de materiais e alimentos é algo feito ali "naturalmente". A necessidade faz com que a família invente e crie novas funções para materiais que iriam para o lixo. (Trecho diário de campo)

Nessa cena encontra-se atividades artísticas cotidianas – artesanato, moda, gastronomia - centradas na figura da avó. Esta contava que aprendeu com seus antepassados e, assim, passava-se desejos e técnicas relacionados a arte de geração a geração.

A avó falava que fazia aquilo "para suportar melhor a vida". .Sua filha e seus netos aprendiam isso. Com as artes se sentiam mais felizes, podiam até ganhar dinheiro, como a mãe ganhava com a costura. Os meninos contavam todas essas habilidades da avó com muita admiração.

Não tenho elementos para saber se essas práticas artísticas acontecem em outras famílias do bairro. Mesmo, assim, o que me parece nesses exemplos trazidos é que, as “culturas de massa”, tão bem produzidas pelo capital globalizado, se misturam com “culturas populares” nascentes pelas mais diversas composições entre atores, instituições, gerações etc. em um território. Os mais “periféricos”, talvez, possam ocupar espaços que, mesmo com tantas revezes, podem cambiar a fluxos criativos potentes pela sua própria posição “marginal”:

> “As classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim.” (SANTOS, 2006, p.221)

Considerações finais

Esperamos que esse trabalho possa ter ampliado conhecimentos sobre a singularidade das infâncias que existem em um bairro periférico de São Vicente/SP a partir da relação que elas estabeleceram com a arte e cultura em diferentes espaços de seu bairro no decorrer da pesquisa.

Não há hoje como escapar das interferências da cultura globalizada que buscam uma totalização dos modos de ser no mundo com claros interesses econômicos, porém, em nossa análise, compreendemos que coexistem modos de resistência e subversão desses ditames favorecidos por diferentes atores e serviços

disponíveis no território estudado, como o Mestre Caçador e a capoeira, a dança do ventre feminista presente em uma ONG e uma avó que cultiva saberes artísticos e realiza a passagem desses conhecimentos para seus netos.

Em um aspecto mais amplo, acreditamos que estudos como esse subsidiam a construção de ações e projetos, públicos e privados, na área da infância em consonância com a realidade, linguagem e desejos desse público.

Bibliografia

CASTRO, L. R. de (org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2004.

_____. **O futuro da infância e outros escritos** / Lucia rabello de castro. - 1. ed. - rio de Janeiro : 7Letras, 2013.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÃNCIA (UNICEF). Situação Mundial da Infância 2016: Oportunidades justas para cada criança. Junho de 2016

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____, BARKER G, CASSANIGA N. Políticas sociais em transformação: crianças e adolescentes na era dos direitos. ***Educar em Revista*** [periódico na Internet acessado em 16.12.2018] Disponível em: http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2057/1709

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

MUNARIM, I.; GIRARDELLO, G. Crianças, mídia e cultura de movimento: (des)caminhos para pensar o corpo na infância. In: ARROYO, M.; SILVA, M. (org). **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança; Por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PASTORE,M. **"Sim! Sou criança eu!" Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana**. Dissertação

(Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de São Carlos. 2015

PRYSTHON, A. Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. **Revista Famecos**. vol. 1, n. 21, 2003.

SANTOS, M. 1926-2001 **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARMENTO, M. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto "As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância", Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em < http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf> Acessado em 18.03.2019.

SARMENTO, M.; PINTO,M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M; PINTO, J; **As crianças: contextos e identidades**. Braga. Universidade de Minho. 1997